

Gênero e Masculinidades no Pole Dance: uma Revisão Integrativa da Literatura

Juan Kal Rosa Romero¹
André Luiz dos Santos Silva²

Resumo: O objetivo do artigo foi apresentar e discutir através dos pressupostos da Revisão Integrativa da Literatura a produção acadêmica sobre as masculinidades no Pole Dance. A partir da busca sistematizada em sete indexadores, foram encontrados 7 estudos dentro do tema e foram apresentados em 3 categorias temáticas de análise. Os resultados indicam uma lacuna na literatura brasileira sobre as masculinidades no Pole Dance, uma vez que os estudos se concentram fora do país, principalmente na República Tcheca e Inglaterra. A inserção masculina na prática se dá principalmente pelas companheiras afetivas e amigas. O apoio da família é um fator importante para a permanência desses homens no Pole Dance. Alguns homens reforçam ideias cisheterocentradas ao se distanciar das representações de feminilidades incorporando aspectos da cultura masculina para significar suas performances, mesmo que praticar o Pole Dance signifique afastar-se desses ideais. Contudo, ao acionar as representações de masculinidades alguns Poledancers as tensionam, questionando-as a partir de detalhes subjetivos nas performances. A experiência masculina no Pole Dance é caracterizada por uma tensão entre a busca por autoexpressão e as expectativas sociais que questionam suas masculinidades. Essa vivência permite que eles desafiem representações de gênero tradicionais, ao mesmo tempo em que vivenciam a complexidade de suas experiências individuais com a prática. Assim, o Pole Dance se torna um meio de resistência e ressignificação das masculinidades contemporâneas.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidade; Sexualidade; Pole Dance.

¹ Mestrando em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. juankalromero@gmail.com

² Doutor em Ciências do Movimento Humano Universidade Federal do Rio Grande do Sul. andreis@ufrgs.br

Introdução

Culturalmente, há uma tentativa de separar práticas corporais consideradas apropriadas para homens e mulheres. Há uma expectativa de que os homens se interessem por atividades viris que enfatizem velocidade e força, enquanto as mulheres são associadas a práticas delicadas e femininas. (Goellner, 2006; Batista; Devidé, 2009; Goellner, 2021) Quando ocorre uma inversão desses interesses, como mulheres no futebol ou homens em certos estilos de dança, esses sujeitos enfrentam processos de exclusão por conta de representações clássicas que inibem e dificultam a presença das mulheres nos campos e dos homens nos palcos. Se os homens já enfrentam desafios significativos ao se apresentarem em danças consideradas "tradicionais", como ballet, dança contemporânea e jazz, no Pole Dance esse processo pode ser ainda mais complexificado, pois passam a ser atravessados também pelo entendimento cultural construído sobre essa prática.

O Pole Dance, como conhecido atualmente, é uma derivação das apresentações das *strippers* de casas noturnas nas décadas de 1980 e 90, sendo historicamente associado às representações de feminilidades e visto como uma forma de entretenimento para o público masculino (Fagundes; Pacheco; Silva, 2024). O primeiro registro dessa prática data de 1968, com a performance de Belle Jangles ³ no clube de *striptease* Mugwump, no estado do Oregon nos Estados Unidos. Existe uma perspectiva, especialmente entre praticantes da modalidade que se dedica a valorizar a experiência feminina. Essa abordagem argumenta que não devemos buscar nessas referências uma origem para a prática, pois elas se distanciam das principais características que o Pole Dance representa atualmente. Para essas mulheres, a forma de Pole Dance que conhecemos hoje emergiu em meados do século XX, originada por dançarinas nos EUA, e está relacionada ao "Tour Fair Shows", espetáculos itinerantes que ocorriam no país e incluíam atrações circenses (Carmo da Silva, 2023).

³ Belle Jangles é uma figura emblemática na história do Pole Dance, foi precursora na inserção do *striptease* nas performances.

A modalidade tem se transformado em uma prática que desafia as normas de gênero tradicionais e tem atraído um número crescente de homens, que buscam a prática como um treinamento físico por conta de sua intensidade, e também como uma forma de autoexpressão (Almeida, 2023). Essa mudança de paradigma levanta questões importantes sobre as representações de masculinidades e a construção de identidades de gênero em um contexto contemporâneo, onde as fronteiras entre o masculino e o feminino estão sendo tensionadas cada vez mais.

A inserção masculina no Pole Dance gera uma série de incertezas e questionamentos que abrem espaço para investigações sobre a temática. À medida que homens começam a integrar essa prática, tradicionalmente associada às feminilidades, surgem dilemas sobre a construção de suas identidades e a percepção social que os rodeia. A experiência masculina no Pole Dance possibilita o debate sobre as masculinidades e evidencia a necessidade de estudos que abordem as dinâmicas de gênero e a resignificação dessa prática. Investigar a produção acadêmica sobre as masculinidades no Pole Dance é fundamental para compreendermos como esses sujeitos têm transitado nessa modalidade e como esse fenômeno tem sido abordado na academia. Além disso, ao realizar uma Revisão Integrativa da Literatura podemos sintetizar o conhecimento já produzido sobre o tema, identificar lacunas e direcionar futuras pesquisas. A partir disso, este estudo tem como objetivo apresentar e discutir através dos pressupostos da Revisão Integrativa da Literatura, a produção acadêmica sobre as masculinidades no Pole Dance.

Procedimentos Metodológicos

Segundo Edna Rother (2007), a literatura apresenta duas principais categorias de artigos de revisão bibliográfica: a Revisão Narrativa e a Revisão Sistemática. A revisão sistemática, por sua vez, é subdividida em quatro métodos distintos: meta-análise, revisão sistemática propriamente dita, revisão qualitativa e revisão integrativa. A revisão integrativa é um método caracterizado pela reunião e síntese sistemática e organizada dos resultados de estudos sobre um determinado tema ou objeto (Botelho *et*

al., 2011; Mendes *et al.*, 2008). Sua principal distinção em relação a outras categorias de revisão está na abrangência, uma vez que esse tipo de pesquisa permite a inclusão simultânea de estudos experimentais e quase-experimentais, ampliando a compreensão do tema investigado. A revisão integrativa possibilita a combinação de resultados de estudos teóricos e empíricos, o que expande as possibilidades de análise. O termo "integrativa" deriva da ideia de integração, reunindo opiniões, conceitos e ideias obtidos a partir das pesquisas que fundamentam o método. Neste método, a análise dos dados representa um dos principais desafios na Revisão Integrativa. Isso se deve ao caráter abrangente do método, que permite a inclusão simultânea de resultados provenientes de estudos teóricos e empíricos, tornando a análise e a síntese de múltiplas fontes uma tarefa complexa (Whittemore; Knafl, 2005). Equívocos podem ocorrer em qualquer etapa do processo de revisão. Por exemplo, a pesquisa bibliográfica pode ser comprometida caso fontes primárias relevantes não sejam consideradas. Além disso, há o risco de extração inadequada ou interpretação equivocada dos dados provenientes dessas fontes. Este método se diferencia das Revisões Narrativas, pois a Revisão Integrativa segue um processo sistemático e transparente para identificar, avaliar e sintetizar estudos relevantes, sem a aplicação de métodos explícitos e sistemáticos, os pesquisadores estão sujeitos a uma margem de erro considerável (Whittemore; Knafl, 2005).

Deste modo, este estudo se caracteriza como uma Revisão Integrativa da Literatura (RI), que busca a avaliação crítica e síntese das evidências disponíveis sobre determinado tema, sendo o seu produto final o estado atual do conhecimento sobre as masculinidades no Pole Dance. A Revisão Integrativa permite identificar as lacunas que direcionam para o desenvolvimento de futuras pesquisas (Mendes; Silveira; Galvão, 2008). Para conduzir a RI, seguimos as fases previstas pela metodologia: formulação do problema, coleta, avaliação, análise e interpretação dos dados e apresentação dos resultados.

A estratégia de busca ocorreu mediante pesquisa de estudos nos indexadores *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Portal Regional da BVS (Bireme), Portal brasileiro de publicações e dados científicos em acesso aberto (Oasis BR), Portal de

Periódicos CAPES, *Education Resources Information Center* (ERIC), *Sistema de Información Científica Redalyc* (Redalyc) e *Google Scholar*. As bases de dados selecionadas foram escolhidas por sua relevância, abrangência temática e acessibilidade a conteúdos científicos de qualidade. Essas plataformas oferecem ampla cobertura de artigos, teses e publicações em acesso aberto, com ênfase em estudos nacionais e internacionais. A diversidade das fontes garante a representatividade e adequação das referências ao objetivo do estudo. Foram utilizadas, para busca dos estudos, as seguintes palavras-chave e suas combinações nas línguas portuguesa e inglesa: pole dance, masculinidade, sexualidade e gênero. Como cada indexador possui uma configuração diferente para pesquisa, alguns demandaram o uso de aspas para a busca exata a partir das palavras-chave, além do uso do operador booleano “AND”. O asterisco (*) também foi utilizado, pois serve como uma espécie de “coringa”, substituindo a palavra-chave mencionada, exemplo: Sex* AND Masc*. Assim foram esgotadas as possibilidades de buscas com as palavras-chave informadas.

O banco de dados tomou forma por meio dos estudos encontrados na estratégia de busca. Esses estudos foram alocados em uma planilha no *Excel* e cada um deles foi organizado pela base de dados onde estava indexado, palavras-chave e *link* de acesso. Como critério de inclusão, foram adotados estudos que estivessem alinhados com o tema e objetivo da pesquisa, como critérios de exclusão, textos duplicados e que não estivessem disponíveis de forma gratuita. Não foram colocadas restrições de período de publicação e idioma durante as buscas com o intuito de localizar o maior número de estudos possíveis, a busca em questão foi realizada em fevereiro de 2024. O banco de dados final tomou forma após a leitura do título, resumo e palavras-chave dos estudos encontrados na fase anterior, bem como a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. As referências bibliográficas dos estudos selecionados foram analisadas como estratégia auxiliar para localizar mais estudos dentro da temática da RI. Desse modo, os estudos selecionados foram reorganizados no banco de dados para que pudessem passar pelo fichamento textual e etapa de análise.

Os dados foram analisados conforme as proposições de Braun e Clarke (2006). Os autores dividem a Análise Temática em cinco passos não lineares: Familiarização

com os dados, Codificação inicial, Agrupamento de temas, Revisão e definição dos temas e Relatório final. A análise foi conduzida de maneira indutiva, pois o método de codificação não se baseia em um quadro de codificação pré-estabelecido. Dessa forma, essa abordagem de Análise Temática é guiada pelos próprios dados, sem a imposição de regras restritas durante o processo analítico. Esse processo não segue uma progressão linear de uma fase para a outra, mas é caracterizado por uma abordagem recursiva, envolvendo movimentos de ida e volta entre as fases conforme necessário.

Localizamos 437 estudos, desses, 6 estavam dentro dos critérios de inclusão. Por meio da leitura das referências bibliográficas dos estudos selecionados, foi possível localizar 1 novo estudo, totalizando 7. A literatura encontrada abrange a América do Norte (Estados Unidos; Canadá), Europa (Reino Unido; República Tcheca), Ásia (Coreia do Sul) e Oceania (Austrália). Não foram localizados estudos dentro do tema da pesquisa na América do Sul e África. Os estudos se dividem entre: Tese de Doutorado (1), Monografia (1), Artigo (4) e Capítulo de livro (1).

Resultados e discussões

Nesta seção, apresentamos um resumo para cada um dos sete estudos selecionados, com o intuito de familiarizar o leitor com os temas identificados durante a análise textual, os quais serão abordados nas categorias temáticas.

Yunjung Kim e Sung Yong Kwon (2021) investigaram as experiências de três homens praticantes de Pole Dance Exotic, com o objetivo de entender como eles definem identidade de gênero nessa prática. Os autores utilizam a abordagem narrativa como método de análise e realizam entrevistas em profundidade. O estudo destaca a importância de distinguir as representações da masculinidade oriental pelo ocidente, que tende a retratar homens coreanos como menos viris. Os autores concluem que as noções tradicionais de masculinidades na Coreia do Sul não impediram os participantes de suas escolhas individuais de autoexpressão no Pole Dance. Eles identificam uma contradição entre os participantes ao se expressarem sobre o Pole Dance. Embora usem vocabulário associado à feminilidade para descrever a si mesmos, também empregam termos

tradicionalmente ligados à masculinidade para descrever seus movimentos. Isso cria um “paradoxo” entre o Pole Dance e os participantes, destacando a complexidade e diversidade de suas experiências e identidades na prática.

VM Roberts (2019) realizou um estudo qualitativo com abordagem narrativa, analisando as diversas expressões de masculinidades nas competições internacionais de Pole Dance. Utilizando vídeos *online* de campeonatos de Pole Art, a autora usa teorias de Judith Butler e Timothy Jon Curry para discutir sobre gênero no Pole Dance. Roberts destaca que o treinamento para Pole Dance funciona como uma forma de modificação corporal, criando mudanças permanentes no corpo que afetam diretamente a percepção de gênero pelos outros. Os homens frequentemente incorporam elementos associados à cultura masculina em suas performances. A autora argumenta que a cultura internacional do Pole Dance engloba diversas formas de expressões masculinas, com Poledancers que desempenham condutas descritas como mais “normativas” ou mais “*queer*”. Ela também questiona o binarismo de gênero nas categorias no Pole Dance e ressalta que, mesmo ao adicionar uma nova categoria nas competições, essa categoria será sempre percebida como “outro” enquanto duas são consideradas similares, resultando em uma divisão trinária de gênero. Esse “padrão” persiste independentemente do número de categorias, já que tais categorias abrangem uma ampla gama de possibilidades que só podem ser concebidas em relação ao “outro”.

Markéta Postránecká (2019) utiliza a análise temática em 6 entrevistas com homens Poledancers em sua tese de doutorado, com o objetivo de compreender como eles constroem suas masculinidades. Com abordagem construtivista, utiliza teorias de Raewyn Connell e Martin Fafejta para debater sobre a masculinidade hegemônica e identidade e diferença. Markéta contextualiza o Pole Dance na República Tcheca e discute sobre a tentativa de ressignificação e a esportivização do Pole Dance. Além disso, a autora destaca que os homens na modalidade generificam as performances, ao reproduzirem e associarem representações a um determinado gênero e não a outro. Ela conclui que há uma complexidade nas negociações identitárias enfrentadas pelos homens que praticam Pole Dance. Os Poledancers recorrem a estratégias de normatização, buscando representar sua própria identidade como masculina. Ao fazer

isso, se afastam dos grupos visivelmente estigmatizados – os homossexuais e as mulheres –, fortalecendo assim sua posição e se aproximando do ideal masculino heterossexual, do qual ao mesmo tempo estão se afastando ao praticar o Pole Dance, mas que ainda assim é visto como desejável por eles.

Marie Čákorová (2021), em sua monografia, investigou a relação entre gênero e autorrepresentação de dançarinos/as no Pole Dance na República Tcheca. O estudo qualitativo empregou análise temática e entrevistas com 4 mulheres e 6 homens. Teorias de West e Zimmerman, e Judith Butler foram utilizadas para discutir sobre gênero como construção social, mecanismo de controle e dispositivo ideológico. A autora conclui que, devido à ampla variedade de escolhas disponíveis para performances na modalidade, Poledancers têm a oportunidade de construir sua identidade de modo plural. As manifestações das representações de gênero na prática são percebidas quando os Poledancers associam que os homens enfatizam o desempenho físico e a performance *fitness*, enquanto as mulheres, a flexibilidade, graciosidade e movimentos sensuais. Parece haver uma visão de hierarquia em que os estilos mais alinhados com as expectativas masculinas, centrados na demonstração de força física, são considerados mais "legítimos" em contraposição aos estilos femininos associados à dança.

O livro *“Pole Dancing, Empowerment and Embodiment”*, de Samantha Holland (2010), foi referência em todos os estudos. A obra fornece um relato empírico e multidisciplinar sobre o Pole Dance no contexto internacional e examina a intersecção com discussões amplas sobre corpos, gênero, aptidão física e idade. Apesar do foco estar centrado nas mulheres, a autora dedicou a escrita de um pequeno capítulo intitulado *“Case Study 2: Power Moves and Everyday Bodies”*, sobre os homens no Pole Dance. No capítulo em questão, ela discute que a organização institucional do esporte reflete relações sociais definidas, como competição e hierarquia entre homens, e exclusão ou dominação das mulheres. A autora também afirma que o impacto e as associações em torno dos homens que praticam Pole Dance são completamente distintos; não existe a mesma narrativa de objetificação e exposição dos corpos dos homens heterossexuais como ocorre com os corpos das mulheres.

Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023) entrevistaram 13 homens praticantes de Pole Dance para entender como eles lidam com a masculinidade e a sexualidade na modalidade. O estudo utilizou a análise temática e teorias de Raewyn Connell, James W. Messerschmidt e Michael Messner para fundamentar as discussões sobre masculinidade hegemônica/híbrida nas práticas corporais. Os autores destacam que, antes de revelar seu envolvimento com o Pole Dance, os homens consideram as possíveis consequências, como a perda do *status* “homem de verdade” perante a família. Homens que já têm um *status* social visto como “inferior”, como homens homossexuais, tendem a se preocupar menos com essa questão. Os autores concluem que os homens que praticam Pole Dance desafiam as representações heteromasculinhas, mas as estratégias que utilizam nesses espaços, embora possam parecer progressistas, acabam reforçando tropos sexistas, misóginos e homofóbicos.

Joshua Paul Dale (2013) realizou uma investigação-ação para analisar as tendências do Pole Dance e como Poledancers expressam gênero por meio dos movimentos. O autor aborda a modalidade a partir de sua própria posição como Poledancer caucasiano na cena japonesa. Joshua se concentra em debater sobre o fetichismo e a sexualização dos corpos no Pole Dance, traçando uma discussão que inicia pela tentativa de afastamento das representações da prática aos clubes noturnos e às *stripers*. Isso ocorre tanto por parte dos Poledancers quanto pelas instituições reguladoras das competições, para dar a prática o *status* de “esporte legítimo”. Dale expõe uma nova interpretação do fetichismo, na qual objetos sexualizados como sapatos de salto alto e a própria barra do Pole Dance não são vistos como fetiches, mas como “objetos *a*” que provocam desejo.

Foi realizada a pesquisa da bibliografia de todos os autores a fim de localizar mais estudos, não foram encontrados novos estudos e nenhum dos autores tem o Pole Dance como agenda de estudo. Os assuntos que emergiram durante o fichamento textual dos estudos foram divididos e serão apresentados em três categorias temáticas, sendo elas: 1) A inserção masculina no Pole Dance, 2) Homens no Pole Dance e a produção de performances cisheterocentradas e 3) Tentativa de ressignificação do Pole Dance através do *status* de esporte legítimo.

A inserção masculina no Pole Dance

Para pensar a presente categoria, tomamos por base os seguintes textos: Joshua Paul Dale (2013), Markéta Postránecká (2019), V.M Roberts (2019), Marie Čákorová (2021), Yunjung Kim e Sung Yong Kwon (2021), e Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023).

Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021) atribuem o aumento da participação masculina no Pole Dance ao surgimento de uma nova concepção de masculinidade na cultura coreana. No contexto pré-moderno, a masculinidade era definida pela hierarquia, com os homens como provedores e as mulheres como subordinadas e destinadas à vida privada. Princípios confucionistas enfatizavam aos homens boa aparência, grau de estudo e intelecto, e a busca por um *status* social elevado. Esses valores perpetuavam uma cultura de virtudes nobres e autodisciplinadas, conhecida como cultura *seonbi*.

O movimento *hallyu*⁴, caracterizado como um fenômeno de expansão global da cultura coreana, auxiliou na construção de novas representações de masculinidade na Coreia. A partir dos anos 90, os ídolos do K-pop adotaram uma estética metrossexual, desafiando concepções tradicionais de gênero. Os grupos masculinos combinam traços delicados com corpos musculosos, criando uma nova visão de masculinidade que tensiona a cultura tradicional *seonbi* (Kim; Kwon, 2021). As *boy bands* de *k-pop* representam uma masculinidade nomeada por Yunjung Kim e Sun Yong Kwon como “versátil fabricada”⁵, moldada pelas exigências da indústria musical coreana. A cultura K-pop influencia a construção das masculinidades, especialmente entre os jovens coreanos, que adotam a estética dos ídolos. Esse impacto tornou o Pole Dance uma prática corporal viável para os homens na Coreia.

De modo semelhante, Marie Čákorová (2021) destaca que na República Tcheca a presença de homens no Pole Dance introduziu novas possibilidades de representações de gênero na sociedade. A atenção que antes estava centrada nas mulheres e na

⁴ *Hallyu* é um fenômeno de exportação da cultura pop coreana.

⁵ Kim e Kwon utilizam no original, em inglês, a expressão “*manufactured versatile masculinity*”.

representação da *stripper*, passa a lançar luz nos homens e na questão de suas masculinidades. Visto que o Pole Dance é socialmente percebido e historicamente associado às dançarinas de *striptease* de casas noturnas e a participação masculina é vista como atípica.

Joshua Paul Dale (2013) explica que no Japão a popularização do Pole Dance se deu como efeito da diversificação dos espaços em que ocorrem as apresentações. Naquele país, considerado como líder na cena feminina do Pole Dance na época, as apresentações não eram realizadas somente em clubes noturnos, mas em teatros entendidos como “legítimos”, com a presença do público organizado em cadeiras, criando um ambiente que seja lido e entendido como “sério”. Nesse sentido, há uma compreensão do público em geral de que o Pole Dance transcende o estigma do *striptease*, possibilitando que os Poledancers sejam associados à teatralidade, dança e outras formas artísticas.

Com o aumento do número de homens no Pole Dance, em tempo que há uma associação da modalidade às feminilidades, alguns desafios emergem. Homens que optam por modalidades historicamente associadas às mulheres estão constantemente tensionando as representações de gênero, ao mesmo tempo em que estão sendo confrontados e questionados em relação ao seu pertencer nesse local (Cuccolo; Haltom, 2023). Nesse sentido, Markéta Postránecká (2019) destaca que um dos desafios enfrentados pelos homens é em relação ao seu desempenho na modalidade, pois há uma expectativa do que é aceitável e exigido no Pole Dance masculino, tanto da parte dos praticantes quanto de quem está de fora. Existe uma concepção do que o Poledancer pode fazer – que é associado às mulheres –, e o que ele deveria ser capaz de fazer – o que é exigido dele como homem. Outro obstáculo enfrentado pelos homens, conforme Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023), é que ao ingressarem nos estúdios de Pole Dance, há uma preocupação de serem percebidos como “predadores”, dado que esses estúdios são predominantemente frequentados por mulheres. A presença masculina nos estúdios de Pole Dance pode causar desconforto nas mulheres, pois há o receio de serem objetificadas. Marie Čákorová (2021) complementa ao descrever que os homens no Pole Dance enfrentam a ideia de que estão no Pole Dance buscando a atenção feminina com

o intuito de flertar. Ela ainda ressalta que o “ideal” masculino heterossexual impõe expectativas que colocam os homens na posição de "caçadores de mulheres" e que esse aspecto é “fundamental” para manter a ideia de "homem de verdade", pois ele deve ser sexualmente ativo com mulheres.

Em tempo que os homens enfrentam os obstáculos já mencionados, eles também são atravessados pelo questionamento sobre seu gênero e sexualidade, e são colocados em uma posição de "outros" em relação às representações de masculinidade, como aponta Markéta Postránecká (2019), Marie Čákorová (2021), Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021) e Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023). Homens que estão em domínios tidos como “femininos” ou artísticos estão em um campo de complexas negociações identitárias, como ocorre com alguns líderes de torcida ou ginastas. Os homens são vistos como afeminados e/ou homossexuais, “assim, representações de gênero tendenciosas manipulam e limitam a atividade de dança para dançarinos profissionais do sexo masculino e sua masculinidade é questionada” (Kim; Kwon, 2021, p.8).

Um possível efeito sobre o questionamento do pertencer masculino no Pole Dance foi observado por V.M Roberts (2019). A autora informa que, em competições de dueto, é mais comum encontrar duplas masculino/feminino e feminino/feminino, enquanto as apresentações masculino/masculino são raras. Isso resulta em uma menor participação masculina nessas competições. No entanto, a maior presença em duetos masculino/feminino sugere que os homens tendem a se envolver mais nessa categoria. O aumento da participação masculina em duetos masculino/feminino pode ser interpretado como uma estratégia para evitar os questionamentos sobre gênero e sexualidade que surgirão se esses homens participarem em duetos masculino/masculino.

Alguns autores buscaram identificar e compreender como é feita a inserção desses homens no Pole Dance e de que modo eles se mantêm na modalidade, mesmo com os obstáculos destacados. Por esse caminho, Markéta Postránecká (2019) e Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021) concordam ao identificar que as mulheres iniciam os homens na prática, seja por indicação de amigas ou pelas próprias companheiras afetivas. Os homens também consideram a possibilidade de participar do

Pole Dance quando veem outro homem em uma posição de poder, como um instrutor, por exemplo. Isso ocorre porque eles visualizam nesses instrutores elementos que entendem como masculinos, como a força e destreza física, criando uma associação entre representações masculinas e poder (Postránecká, 2019).

Outra observação importante, apontada por Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021), é a compreensão e o apoio da família como fatores decisivos para que os homens se sintam confortáveis para estar no Pole Dance, independente das expectativas sociais. Ao considerar a discursividade produzida em relação ao Pole Dance, que associa a modalidade à sensualidade, Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023) investigaram as estratégias que os homens utilizam para comunicar as suas famílias e amigos sobre a prática. Os autores identificam que homens heterossexuais definem esse momento como estressante, pois, ao expor que praticam o Pole Dance, poderiam perder o respeito e não seriam vistos como “homens de verdade”. Homens homossexuais, diferentemente dos heterossexuais, não sentem essa preocupação, o estresse ao comunicar a prática do Pole Dance é menor ou inexistente. Isso acontece porque esses homens já passaram por um processo parecido, quando anunciaram sua sexualidade à família, e eles já são vistos como “diferentes”, então é esperado que eles optem por atividades que fujam das expectativas de gênero.

Considerando a análise das múltiplas perspectivas oferecidas pelos autores mencionados, é possível notar que a inclusão masculina no Pole Dance reflete e desafia as dinâmicas de gênero contemporâneas. Por meio da transformação das representações de masculinidade influenciada pelo movimento *hallyu*, como abordado por Yunjung Kim e Sung Yong Kwon (2021), e a redefinição das práticas culturais e artísticas no Japão segundo Joshua Paul Dale (2013), observamos uma expansão de espaços para os homens nessa prática corporal. Além disso, a discussão sobre os desafios enfrentados pelos homens, destacados por Marie Čákorová (2021), Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023), e Markéta Postránecká (2019), revela a complexidade das negociações identitárias necessárias para a aceitação e permanência masculina no Pole Dance. Embora haja obstáculos significativos, como o estigma social e as expectativas de desempenho, a persistência e o apoio de seus grupos sociais, incluindo familiares e a

comunidade do Pole Dance, facilitam o processo de aceitação da participação desses homens nesse espaço. O estudo desses contextos socioculturais e das trajetórias individuais pode oferecer uma compreensão ampla e aprofundada da participação masculina no Pole Dance.

Homens no Pole Dance e a produção de performances cisheterocentradas

Os estudos de Markéta Postránecká (2019), V.M Roberts (2019), Marie Čákorová (2021), e Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023) identificaram que alguns homens utilizam elementos associados às representações de masculinidades nas performances de Pole Dance. Isso ocorre como uma tentativa de distanciamento das conotações sensuais e sexuais femininas associadas à prática. Como estratégias eles costumam destacar o condicionamento físico, enfatizando elementos de força e adotando um estilo poderoso e explosivo, enquanto diminuem e se afastam de elementos de dança e teatralidade.

A partir desse ponto, Markéta Postránecká (2019) sinaliza que os homens generificam os movimentos, trajes e performances no Pole Dance ao reproduzirem propositalmente elementos associados às representações de masculinidades. Ao distinguir elementos nas performances e associá-los a um determinado gênero e não a outro, criam uma binaridade de elementos que parecem se opor. Performances que acionam elementos de flexibilidade, graciosidade, fluidez de movimentos e teatralidade são associadas às mulheres. Enquanto, os elementos ligados à destreza, força, agilidade e disciplina são associados aos homens. Além disso, os praticantes distinguem o que seria uma performance feita por um homem ou mulher, existe um limite do que é expressão feminina, quando esse limite é ultrapassado, o Poledancer é lido como homossexual.

Para distanciar a prática das representações de feminilidades, alguns homens utilizam trajes e elementos culturalmente associados às masculinidades. Essa estratégia foi identificada por V.M Roberts (2019), a autora ainda descreve outras, como o uso de elementos de artes marciais, temas de classe trabalhadora e imagens animais

associadas às representações de comportamentos masculinos em suas performances. Ademais, há uma diferença nas rotinas de homens e mulheres no Pole Dance que está enraizada no *habitus*: os homens tendem a escalar a barra utilizando os dedos dos pés, enquanto as mulheres utilizam os tornozelos. Escalar com os dedos dos pés evoca a imagem de alguém trabalhando em altura, enquanto o método com os tornozelos tende a acentuar os quadris e evidenciar a silhueta. Em contraponto, homens com “masculinidades *queer*”⁶ evitam ambos métodos, subindo de maneira mais complexa ou com o corpo invertido (Roberts, 2019).

Ao analisar a performance de Oleg Zabelin no campeonato de Pole Sport de 2016, V.M Roberts (2019) percebe que o atleta retrata uma masculinidade difícil, ao representar um trabalhador à beira da marginalização segurando um disco de mineração. Na performance em questão, Oleg estava usando uma maquiagem que o deixou com uma aparência de “sujo”, o atleta possui um corpo extremamente magro devido ao treinamento de calistenia, por vezes parecia estar lutando com seu próprio corpo e com o Pole, enquanto seu rosto se contorcia sugerindo sentir dor. Ao fim da performance, foi possível ouvir um rosnado animalesco enquanto o atleta pronunciava a frase “*I’m wrong*” (Estou errado). Roberts sugere que nessa performance, a liminaridade é crucial para a masculinidade, indicando que as chamadas “falhas na masculinidade”⁷ ainda são sobretudo masculinas e, em certos casos, podem até ser vistas como mais emblemáticas da masculinidade do que o sucesso. O mesmo atleta em 2018, retratou uma “masculinidade *queer*”, ao subir no palco com uma camisa abotoada e segurando uma pasta. Ao decorrer da performance, ele desabotoa a camisa e amarra as pontas (imitando um *cropped*) deixando seu abdômen amostra por um curto período de tempo, ele escalou o Pole usando os tornozelos, e ao decorrer da performance foi desfazendo a amarração “antes que a camisa se torne um foco para o que parece ser uma narrativa envolvendo vergonha de identidade”⁸ (Roberts, 2019, p.15”).

⁶ Roberts no original, em inglês utiliza o termo “queer masculinity”.

⁷ Roberts utiliza no original, em inglês o termo “failed masculinities”.

⁸ Roberts utiliza no original, em inglês a frase “before the shirt becomes a focus for what appears to be a narrative involving identity shame”.

Com base nas descrições feitas por V.M Roberts (2019), fica evidente a produção de tensionamentos nas representações de masculinidades nas performances. O primeiro tensionamento é visto a partir do sujeito com “masculinidades queer” que desvia dos modos tradicionais e do *habitus* presente no Pole Dance, ao utilizar o seu corpo de modo invertido para subir na barra. Outro tensionamento é em relação às performances de Oleg Zabelin, o atleta parece criticar as representações de masculinidades, mesmo utilizando-as como estratégia para significar a sua performance, essa possibilidade é aberta ao fim da performance quando o Poledancer diz estar errado. E o mesmo ocorre quando ele amarra a camisa de botões imitando uma peça de roupa que é associada às mulheres – o *cropped* –, e rapidamente cobre seu corpo, demonstrando vergonha. Assim, percebo que acionar as representações de masculinidades também pode ser uma forma de questioná-las utilizando de subjetividades e detalhes, que para alguns pode não fazer sentido, mas que para outros abre a possibilidade de diversas interpretações nesse contexto.

Em relação às representações nas performances em duetos no Pole Dance, Markéta Postránecká (2019) destaca que em duplas masculino/feminino, os homens desempenham uma posição de estabilidade e apoio às mulheres, enquanto elas se destacam por movimentos expressivos e artísticos. Nesse contexto, a mulher não é associada a elementos de poder ou risco; ao contrário, é frequentemente vista como uma presença decorativa, enquanto os homens são percebidos como mais sérios ou monótonos. Nesse sentido, Marie Čákorová (2021) afirma que a beleza de um homem nessa prática não é determinada pela sua aparência ou pela estética da sua expressão, mas sim pela capacidade de desempenhar a posição de protetor ou suporte nas performances em duetos masculino/feminino. A destreza física e a força são elementos cruciais nessa posição, a demonstração de força é considerada equivalente à beleza nesse contexto.

Os elementos incorporados nas rotinas do Pole Dance se constituem como fatores importantes para dar significado às performances. Para além da seleção deliberada dos elementos a incluir em suas rotinas, os homens também afirmam que alguns elementos não os cabem, devido à estrutura corporal masculina, mas defendem

que o Pole Dance pode ser viril e bonito, se praticado por um bom Poledancer. O Pole Dance não é atrelado ao signo de dança pelos homens, e sim como um treinamento físico, principalmente quando incluem movimentos que demandam força física (Postránecká, 2019).

Em contrapartida, os homens que participaram do estudo de Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021) tensionam a ideia de generificação e a associação dos movimentos no Pole Dance. Eles afirmam que os elementos no Pole Exotic⁹ não deveriam ser retratados como femininos ou masculinos, pois essa binaridade foi construída pela sociedade e o Pole Exotic não deveria reproduzir essas representações. Mas ao mesmo tempo que defendem isso, destacam que o Pole Dance deveria ocupar ambientes não sexuais, como competições, palcos de teatros e academias, como uma estratégia que modificaria a visão geral sobre o Pole Dance. Parece haver uma complexidade na forma como esses homens significam suas práticas. Ao afirmarem a necessidade de o Pole Dance ocupar espaços não sexuais e serem contra a generificação dos movimentos, eles parecem fazer uma movimentação que desassocia a sensualidade que é performada no Pole Exotic. Parece que a concretização de uma não binaridade nos movimentos aliada à ocupação de espaços não sexuais, traria uma segurança que não os associaria às feminilidades, afirmando seu pertencer no Pole Dance, mesmo em uma vertente que tem raízes na sensualidade e majoritariamente associada às mulheres – o Pole Exotic.

Tensionamentos nas performances cisheterocentradas também são percebidas em competições de Pole Art¹⁰, atletas como Daniel Rosen e Coco Kehong utilizam roupas curtas e minimalistas e ambos incorporam em suas performances elementos que não são associados aos homens, como o uso de passos de ballet por exemplo. A performance de Daniel Rosen é consistentemente codificada como masculina, pois ele aciona movimentos de flexão e não usa os tornozelos na escalada. Contudo, utiliza o cinto de dança do ventre e adota um estilo não agressivo, evidenciando que ele não

⁹ Pole Exotic é uma vertente do Pole Dance, destaca-se pela técnica, fluidez e sensualidade utilizando salto alto, combinadas com movimentos que exigem força e transições complexas.

¹⁰ Pole Art é uma vertente do Pole Dance, possui foco na expressão artística mediante a utilização de diversos estilos de dança nas performances.

busca ocultar ou minimizar sua própria "masculinidade *queer*", o atleta é abertamente gay e um dos poucos que realizam duetos masculino/masculino (Roberts, 2019).

Por outro lado, Markéta Postránecká (2019) e Marie Čákorová (2021) destacam em seus estudos que a presença de elementos teatrais, salto alto e roupas curtas, gera uma perturbação no Pole Dance. Há um grande esforço por parte de alguns homens e uma tentativa constante de se manter em um “padrão masculino”. Embora seja comum usar shorts e regatas no palco, que são roupas convencionais de treino, os shorts precisam ter um comprimento adequado; shorts curtos ou tangas são considerados inaceitáveis e muitas vezes repugnantes. O salto alto é geralmente considerado um acessório feminino, frequentemente vinculado à ideia de atrair a atenção masculina de maneira sexualizada. Essa associação muitas vezes torna difícil para os homens considerar utilizá-lo. A utilização de salto alto em performances é apenas aceita para homens quando feita por um profissional reconhecido e bem treinado, não sendo questionado e tão pouco atrelado à vulgaridade (Postránecká, 2019). A comunidade do Pole Dance atribui signos diferentes ao uso de salto alto pelos praticantes, criando uma distinção que define quem é atleta e quem é dançarino. O Pole Fit¹¹ e o Pole Art não exigem que os atletas usem salto, enquanto o Pole Exotic exige, a utilização dos saltos distingue as principais categorias. Quando um Poledancer está se apresentando descalço ele é reconhecido como um “Artista de Pole” ou “Atleta de Pole”, enquanto os que usam salto são vistos como “Dançarinos de Pole Exotic” ou “Atletas de Pole Exotic” (Kim; Kwon, 2021).

Assim, é possível afirmar que elementos visuais, como roupas e acessórios, são elementos importantes na atribuição de características de gênero durante as performances de Pole Dance. Eles influenciam significativamente a forma como os Poledancers são percebidos em relação à feminilidade e à masculinidade, construindo a interpretação e a representação de suas identidades durante a prática.

As representações de feminilidade e masculinidade são temas frequentemente debatidos dentro do contexto do Pole Dance, principalmente em relação à atribuição de

¹¹ Pole Fit é uma vertente do Pole Dance e caracteriza-se pela utilização de movimentos isométricos e isotônicos nas performances, trabalha principalmente membros superiores.

determinados movimentos a um gênero e não a outro. Existe uma discussão em curso sobre a relação entre graciosidade e força, onde a força é muitas vezes associada aos homens e a graciosidade às mulheres. Os estudos de Markéta Postránecká (2019), Marie Čákorová (2021), Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021), e Kelly Cuccolo e Trenton M. Haltom (2023) descrevem essa dicotomia que sugere serem conceitos completamente opostos, incapazes de se manifestar simultaneamente nas performances. A oposição entre graciosidade e força, ao mesmo tempo que reforça as normas de gênero, pode influenciar os homens a evitar e se distanciar das representações femininas no Pole Dance. De acordo com Marie Čákorová (2021), os participantes de sua pesquisa priorizaram o afastamento das representações associadas ao homens gays. Eles optaram por adotar expressões centradas na heterossexualidade, enfatizando a reprodução de representações masculinas através da exibição de força física. Esses esforços visavam manter uma imagem heterossexual, colocando os homens homossexuais como os "outros".

A percepção do homem homossexual como "outro" surge devido à sua não conformidade com as normas tradicionais de masculinidade, frequentemente associadas a características femininas. No contexto do Pole Dance, espera-se que homens homossexuais incorporem elementos femininos em suas performances. Enquanto um homem heterossexual pode enfrentar questionamentos ou desafios ao demonstrar movimentos que demandam flexibilidade e graciosidade, esses não são impostos com a mesma intensidade para um homem homossexual (Cuccolo; Haltom, 2023). Em contrapartida, o reconhecimento da interseção dos elementos de força e graciosidade só é vista como algo favorável nas performances masculinas quando há aprovação das mulheres. Esse fenômeno foi identificado por Markéta Postránecká (2019), quando um dos participantes de sua pesquisa diz se diferenciar dos demais homens, pois as mulheres o reconhecem e o admiram por mesclar os dois elementos em suas performances. Essa admiração ocorre quando o homem realiza movimentos graciosos sem parecer rude ou feminino, consequentemente a sexualidade do Poledancer não é posta em dúvida; ele não é rotulado como gay ou afeminado, mas é reconhecido como um "verdadeiro homem" (Postránecká, 2019).

A partir disso, notamos que quando os homens demonstram habilidades fluidas e flexíveis, são reconhecidos pela surpresa de estarem “desafiando” as expectativas tradicionais da masculinidade, mesmo que ao mesmo tempo estejam reforçando-as, o que cria uma falsa sensação de não estar reproduzindo as representações de masculinidades. Desse modo, parece que a experiência masculina no Pole Dance se constitui mediante o equilíbrio das nuances da cultura desse ambiente. Nesse sentido, Yunjung Kim e Sun Yong Kwon (2021) descrevem que a experiência masculina no Pole Dance é complexa, os homens são “contraditórios” quando se expressam em relação ao Pole Dance. Ao mesmo tempo que eles empregam um vocabulário associado à feminilidade para descreverem a si mesmos. Eles também utilizam termos tradicionalmente associados à masculinidade para descrever seus movimentos no Pole Dance. Desse modo, os autores destacam um “paradoxo” entre Pole Dance e os participantes, dada a tensão entre as percepções de feminilidades e masculinidades, o que mostra a complexidade e diversidade nas experiências e identidades dos praticantes de Pole Dance.

Tentativa de resignificação do Pole Dance através do *status* de esporte legítimo

Com a popularização do Pole Dance impulsionada pela divulgação nas redes sociais e pelo crescimento da modalidade em diversas competições, surge um movimento para reconhecer a modalidade como um esporte, a partir disso, essa categoria se constitui por meio dos estudos de Joshua Paul Dale (2013), Markéta Postránecká (2019) e Marie Čákorová (2021).

A percepção estigmatizada do Pole Dance como uma atividade erótica leva os participantes a se esforçarem cada vez mais para dar o signo de esporte à modalidade, em vez de reconhecê-la também como uma forma de dança, mesmo que ambos aspectos estejam presentes na prática. Existe uma dualidade nos discursos sobre o Pole Dance ser considerado um esporte. Por um lado, alguns defendem a necessidade de regras rígidas para que a modalidade seja reconhecida como um esporte "legítimo". Por outro lado, os

Poledancers argumentam que isso poderia restringir a liberdade de expressão nas performances (Postránecká, 2019). No mesmo sentido, Marie Čákorová (2021) descreve que para desassociar o Pole Dance da sensualidade e dar o signo de esporte à modalidade, algumas medidas rigorosas são implementadas nas regras das competições para combater a sexualização, visando evitar a exposição excessiva dos corpos. Essas medidas incluem a proibição de gestos sexualmente sugestivos, a restrição no uso de roupas combinando com a cor da pele, a exigência de que os cabelos estejam presos para trás, a garantia de uma quantidade mínima de cobertura corporal, especialmente na área da pelve, e até mesmo a limitação no uso de maquiagem. Parte dessas medidas se constitui pela ideia de que o corpo feminino é potencialmente ofensivo para o *status* do Pole Dance como esporte. Isso acontece porque o corpo feminino é associado à sensualidade, presume-se que as expressões de feminilidade, tanto na forma material quanto no comportamento, carregam uma conotação sexual, fazendo com que constantemente esses corpos sejam objetificados (Čákorová, 2021).

Desse modo, a tentativa de ressignificar o Pole Dance parece não surgir apenas para dar o *status* de esporte à modalidade, mas como uma estratégia para afastá-lo das representações de feminilidades. Ao serem colocadas regras restritivas a partir de uma concepção de que corpos femininos possuem um potencial ofensivo, as mulheres são atravessadas por essa dinâmica de objetificação sexista. O que não ocorre com os homens no mesmo contexto, os impactos e as associações para homens que praticam Pole Dance são completamente distintos; não há um histórico equivalente de objetificação e exposição dos corpos de homens heterossexuais como acontece com os corpos das mulheres (Holland, 2010).

Em relação às competições de Pole Dance, Joshua Paul Dale (2013) expõe que algumas delas constantemente tentam revalorizar a prática como uma atividade *fitness* e não performativa, como exemplo, a competição “World Pole Dance” que anunciou o campeonato como “um evento esportivo e *fitness*”. As competições possuem programas de acreditação próprios. Esses programas permitem que estúdios individuais sejam reconhecidos como parte de um corpo de profissionais dessa indústria. Desse modo, as competições e associações não apenas promovem eventos esportivos, mas também

contribuem na padronização do Pole Dance. Os esforços dos organizadores para afastar o Pole Dance da sensualidade ocorrem também por questões de patrocínio. Joshua Paul Dale (2013) entrevistou a organizadora do World Pole Dance Competition e a fundadora do International Pole Dance Championship, ambas respondem que recusaram todas as ofertas de patrocínio de empresas que as atividades se relacionassem com a indústria do sexo. Uma decisão que dificulta a organização das competições internacionais por conta das despesas. Joshua sugere que essas medidas de “proteção” têm como objetivo educar o público para um novo Pole Dance. Durante esse processo, rejeitam a associação do Pole Dance com *striptease*, para redefinir a atividade como *fitness*, destinada a aumentar o condicionamento físico, a autoconfiança e a autoestima (Dale, 2013).

Outra discussão em curso é a inclusão do Pole Dance nas olimpíadas e como isso poderia alterar a prática por afastar-se de suas raízes. Alguns atletas defendem que o Pole Dance se tornaria um esporte como qualquer outro, cujo objetivo é a vitória, o lucro e as medalhas. A inclusão do Pole Dance nas olimpíadas pode atrair principalmente atletas da ginástica que buscam medalhas, suprimindo a comunidade de praticantes que estão envolvidos na atividade por prazer, autodesenvolvimento e pela satisfação em compartilhar a experiência com seus colegas (Postránecká, 2019). A busca para legitimar o Pole Dance como um esporte tem como objetivo minimizar os efeitos causados pelo estigma associado à prática. Nesse sentido, Marie Čákorová (2021) expõe que existem controvérsias que dificultam a promoção da modalidade, especialmente nos meios de comunicação em que está mais presente, muitas vezes é perpetuada uma visão distorcida da realidade. A disparidade na cobertura midiática afeta as representações associadas ao Pole Dance, muitas vezes sugerindo que ele é exclusivo de um determinado gênero. A cobertura de forma sensacionalista por parte da mídia contribui para que o público tenha um olhar discriminador sobre a prática, principalmente ao criticar algumas vertentes do Pole Dance, como o Pole Kids¹² (Postránecká, 2019).

¹² Pole Kids é uma vertente esportiva do Pole Dance destinada às crianças.

Apesar das iniciativas de várias organizações para equiparar o Pole Dance a outros esportes, a modalidade enfrenta muitas críticas e ainda persiste uma ampla resistência em aceitar o Pole Dance como um esporte ou disciplina atlética, tanto para homens quanto para mulheres. Atletas de esportes considerados tradicionais e legítimos, como futebol, triatlo e ciclismo, frequentemente não reconhecem o Pole Dance como uma atividade séria. Existe um estigma que associa essa modalidade a outras vistas como menos atléticas pelos padrões esportivos convencionais, como patinação artística ou ginástica (Postránecká, 2019). Percebemos que as práticas que abraçam a arte e dança são ocasionalmente percebidas como não atléticas por atletas de outras modalidades, isso é observado no Pole Dance, apesar de acionar diversas valências físicas durante a prática.

Joshua Paul Dale (2013) critica as medidas propostas para ressignificar o Pole Dance como um esporte. Ele sugere que, provavelmente, a modalidade se limitaria a ser praticada em ambientes fechados, como estúdios, e sendo praticado predominantemente por mulheres. As performances em público seriam restritas a competições esportivas que enfatizam a demonstração de força e agilidade técnica, com trajes limitados a roupas adequadas ao *fitness*. Joshua descreve que as regras do Pole Dance variam entre competições, com elementos teatrais e performances artísticas sendo mais comuns do que em eventos esportivos convencionais. As competições são geralmente divididas entre as categorias *Fitness* e *Art*. Mesmo na categoria *Fitness*, os participantes podem optar por trajes elaborados e adereços, mostrando uma inclinação para expressar mais do que apenas habilidades atléticas e técnicas.

O componente artístico gera controvérsias nas competições de Pole Dance, conforme Marie Čákorová (2021), há uma insatisfação por parte de alguns praticantes sobre as competições na República Tcheca. Embora o campeonato de Pole Art e Pole Sport avaliem a execução artística e técnica, alguns praticantes sentem que a ênfase no componente artístico pode suprimir ou reduzir a importância do componente esportivo na avaliação geral do desempenho. Um dos participantes da pesquisa expressou com frustração que atualmente no campeonato nacional, o vencedor tende a ser quem possui habilidade em ballet, mesmo que não tenha habilidades específicas do Pole Dance. Isso

gera desmotivação e desvalorização em outros Poledancers. Os participantes ressaltam que a aparição de componentes artísticos nas competições é uma consequência de que as apresentações esportivas não atraem público. As olimpíadas não são apenas uma competição esportiva, mas também um espetáculo que atrai público e telespectadores do mundo todo. A esportivização¹³ do Pole Dance, embora busque legitimar a modalidade por meio do *status* de esporte competitivo e “legítimo”, enfrenta desafios significativos. Primeiramente, há uma tensão entre os elementos estéticos e sensuais presentes no Pole Dance e a tentativa de “padronização” necessária para competições formais. Isso pode resultar na perda das características artísticas e na descaracterização da prática. Além disso, a tentativa de enquadrar o Pole Dance em moldes esportivos pode negligenciar suas raízes históricas e culturais, relegando aspectos como a expressão corporal, sensualidade e a liberdade de movimento a um segundo plano em favor de critérios técnicos e de pontuação. Assim, enquanto a esportivização pode proporcionar maior visibilidade e aceitação social, também levanta questões sobre a preservação da autenticidade e diversidade da prática do Pole Dance.

Considerações finais

A partir dos textos analisados nesta revisão integrativa foi possível identificar que a experiência masculina no Pole Dance se constitui de polissemias e complexidades. Ao se colocarem neste espaço, uma série de questionamentos sobre gênero e sexualidade emergem uma vez que protagonizam uma prática culturalmente significada como feminina e associada ao entretenimento do espectador masculino. Ao desafiar essa dinâmica, os homens começam a tensionar essas representações, mesmo quando utilizam elementos que reforçam aspectos cisheteronormativos.

¹³ O processo de esportivização do Pole Dance busca ressignificar a modalidade como um esporte “respeitável” e entendido como “potencialmente disciplinador”. Ao incorporar e centralizar esses valores, o Pole Dance passa a ser uma prática não sensual e não erótica. Assim, ao combinar “disciplina”, “respeito” e o constante “aperfeiçoamento técnico” como elementos centrais da prática, cria-se um processo educativo moralmente rigoroso (Elias; Dunning, 2019).

Alguns praticantes, ao reforçar essas representações e se distanciar das representações de feminilidades, incorporam elementos associados a uma ideia tradicional de cultura masculina para validar e buscar garantir condições para se manterem vinculados à prática. Outros praticantes, entretanto, tensionam as representações normativas de masculinidades, produzindo outros modos de se relacionar com a barra, narrado pelos autores, como mais próximos às feminilidades por acionarem uma gramática que sensualiza os movimentos e erotiza seus corpos. Por fim, a presença masculina no Pole Dance, foi descrita ainda como vinculada ao processo de esportivização que busca se distanciar do histórico que associa os movimentos às casas noturnas e às dançarinas de *striptease*. Nas performances da vertente esportiva do Pole Dance, os homens se apresentam como atletas, em vez de protagonistas de uma dança sensual. Assim, a experiência masculina no Pole Dance, de acordo com os textos analisados se materializa como um campo de disputas que, por vezes tensiona de forma mais explícita as tradicionais representações de gênero, por vezes busca se associar a atributos de masculinidade historicamente associados às masculinidades cisheterocentradas.

Ainda que as masculinidades tenham sido investigadas em diferentes modos de ser e estar no pole dance, dentre os artigos identificados para compor o corpus documental deste estudo não foram encontradas discussões sobre os processos de objetificação dos corpos masculinos no Pole Dance, ausência que merece ser problematizada, uma vez que as categorias sexualidade e erotização atravessam vários dos estudos em tela.

No conjunto dos textos revisados foi possível perceber ainda que a matriz analítica utilizada nos artigos, em diversos momentos se revelou binária, ao tomarem como referência representações de masculino/feminino, heterossexual/gay, reduzindo as possibilidades de experiências dos sujeitos. Sem um olhar atento às nuances e complexidades de gênero, as análises empreendidas pelos artigos parecem fixar as performances de Pole Dance às representações tradicionais de gênero, invisibilizando outros tantos modos de ser, estar e se relacionar com essa prática. Do conjunto de textos identificados e discutidos neste artigo evidencia-se uma lacuna na literatura

latino-americana sobre as masculinidades no Pole Dance, uma vez que os estudos se concentram fora do país, ausência que coloca em relevo a necessidade de estudos sobre a inserção de homens no Pole Dance no contexto da América Latina.

Referências

- ALMEIDA, Lucas. Entenda o aumento da procura dos homens por pole dance. **Rede Globo, Mosaico Baiano**, 2023. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/redebahia/mosaicobaiano/noticia/entenda-o-aumento-da-procura-dos-homens-por-pole-dance.ghtml>>.
- BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries . Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 14, p. 1-1, 2009.
- BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O MÉTODO DA REVISÃO INTEGRATIVA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS. **Gestão e Sociedade**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 121–136, 2011.
- BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v.3, n.2, p. 77–101, 2006.
- ČÁKOROVÁ, Marie. “Pole dance učí takový tý ženskosti, ale může být neuvěřitelně maskulinní”: Genderová analýza fenoménu pole dance. Tchéquia: **Univerzita Karlova, Fakulta sociálních věd**, 2021.
- CUCCOLO, Kelly; HALTOM, Trenton. A pole new world: Maneuvering masculinity and sexuality among men who pole dance. **Sociology Compass**, v. 17, n. 11, p 1-8, 2023.
- DALE, Joshua Paul. The future of pole dance. **Intellect Limited**, v. 2, n.3, p. 381 - 396, 2013.
- DO CARMO DA SILVA, Julia. **O valente Pole Dance: gênero, corpo e resistência na comunidade pole dancer**. 2023. 171 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2023
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no Processo Civilizacional**. Portugal: Edições 70, 2019.
- FAGUNDES, Mariana Ghignatti; PACHECO, Ariane Corrêa; SILVA, André Luiz dos Santos. "A BARRA É QUE NEM TATAME, TEM QUE TER RESPEITO": CONDIÇÕES DE ENSINO DO POLE DANCE PARA AS CRIANÇAS. **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 62, n. 62, p. e1538, 2024.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. MULHER E ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS E INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85–100, 2006.

- GOELLNER, Silvana Vilodre. MULHERES E FUTEBOL NO BRASIL: DESCONTINUIDADES, RESISTÊNCIAS E RESILIÊNCIAS. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e27001, 2021
- HOLLAND, Samantha. **Pole dancing, empowerment and embodiment**. 1. ed. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2010.
- KIM, Yunjung; KWON, Sun Yong. “Before I Am Biologically a Male, I Am Me”: Exploring Gender Identity of South Korean Male Exotic Poler. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 56, n. 7, p. 1035–1050, 2021.
- MENDES, Karina Dal Sasso.; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758–764, out. 2008.
- POSTRÁNECKÁ, Markéta. **Když muži tančí. Konstrukce maskulinity ze strany mužských aktérů pole dance**. 2019. 94f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Fakulta Humanitních Studií. Univerzita Karlova, Tchéquia , 2019.
- ROBERTS, VM. Negotiating the Poles of Masculinity; The Male Pole Dancer in International Competition. **Culture: An Undergraduate Humanities Journal**, v. 2, n. 1, p. 21-32, 2019.
- ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi , jun. 2007.
- WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, Oxford, v. 52, n. 5, p. 546-553, Dec. 2005.

Género y masculinidades en el pole dance: una revisión bibliográfica integradora

Resumen: El objetivo del artículo fue presentar y discutir, a través de los presupuestos de la Revisión Integradora de Literatura, la producción académica sobre masculinidades en Pole Dance. A partir de la búsqueda sistemática en siete indexadores, se encontraron 7 estudios dentro de la temática y fueron presentados en 3 categorías temáticas de análisis. Los resultados indican una laguna en la literatura brasileña sobre masculinidades en Pole Dance, ya que los estudios se concentran fuera del país, principalmente en la República Checa e Inglaterra. La participación masculina en la práctica se produce principalmente a través de parejas y amigas femeninas. El apoyo familiar es un factor importante para que estos hombres permanezcan en el Pole Dance. Algunos hombres refuerzan las ideas cisheterocéntricas distanciándose de las representaciones de la feminidad incorporando aspectos de la cultura masculina para significar sus actuaciones, incluso si practicar Pole Dance significa alejarse de estos

ideales. Sin embargo, al activar representaciones de masculinidades, algunos Poledancers las ponen en tensión, cuestionándolas a partir de detalles subjetivos en las performances. La experiencia masculina en el Pole Dance se caracteriza por una tensión entre la búsqueda de autoexpresión y las expectativas sociales que cuestionan su masculinidad. Esta experiencia les permite desafiar las representaciones tradicionales de género, al tiempo que experimentan la complejidad de sus experiencias individuales con la práctica. De esta forma, el Pole Dance se convierte en un medio de resistencia y redefinición de las masculinidades contemporáneas.

Recebido: 24/08/2024

Aceito: 18/03/2024

